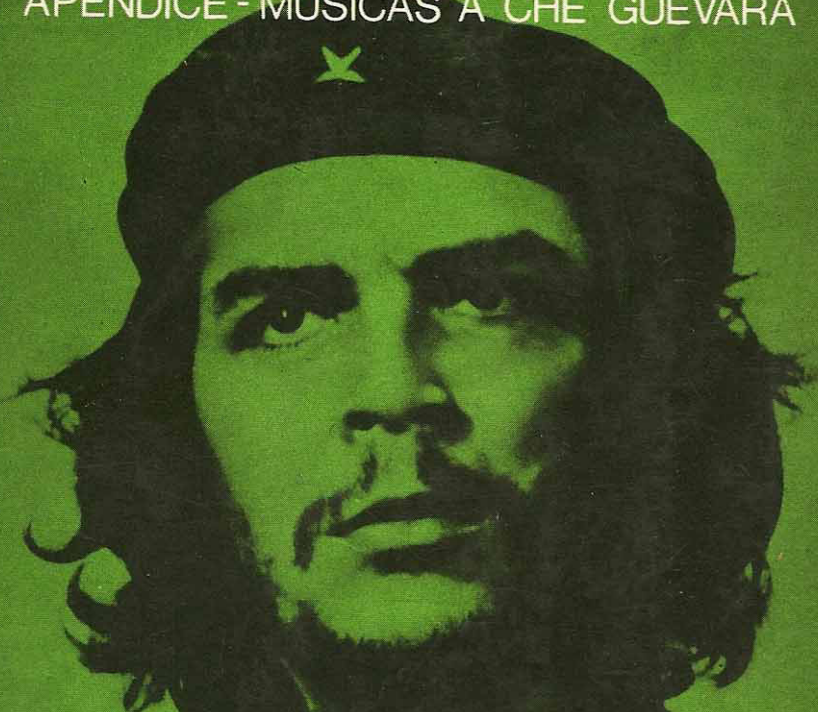


COMPLEMENTO - POSTER BRINDE

CHE GUEVARA CARTAS

APÊNDICE - MÚSICAS A CHE GUEVARA



CHE GUEVARA OBRAS COMPLETAS

Volume 2

Editor

Analdino Rodrigues Paulino

Capa e Projeto Gráfico

Altamir Tedeschi

Roberto Agune

Produção

Analdino Rodrigues Paulino

Revisão

Marly Arlete de Souza

Eurípedes Rodrigues Filho

Robison Luiz Bernardes

Composição

O Estado de São Paulo

Av. Eng. Caetano Álvares, 55

Fotolitos

Binhos Fotolito Ltda.

Rua Espírita, 97 - Fone: 278.7028

Impressão

Dag — CAgostino Artes Gráficas Ltda.

Rua Maria Cecília, 277 — Fone 266-3219

Direitos Reservados

Edições Populares

(Analdino Rodrigues Paulino Neto)

Rua Dr. Phidias de Barros Monteiro, 7 — Fone 853-5732

05404-São Paulo — Capital

Abril de 1980 — 1* Edição, 5 mil exemplares

CHE

GUEVARA Ernesto Guevara de la Serna (El Che)

CARTAS

Tradução de Juan Martínez de la Cruz



habitue-se a frequentar livrarias

edições populares

Analdino Rodrigues Paulino Neto

CARTA AOS PAIS

TRIUNFO COM CUBA OU MORRO LÁ

México, 6 de julho de 1956
Cárcere de Gobernacion*

Queridos velhos:

Recebi sua carta, papai, aqui, na minha nova e delicada mansão de Miguel Schultz, junto com a visita de Petit**, que me fez saber dos temores de vocês. Para vocês fazerem idéia, contarei o caso:

Fazia algum tempo, bastante tempo já, um jovem líder cubano me convidou para ingressar em seu movimento, que era de libertação armada da sua terra, e eu, lógico, aceitei. Dedicado à ocupação de preparar fisicamente a rapazeada que um dia deverá pôr os pés em Cuba, enganei vocês nos dois últimos meses com a mentira de meu cargo de professor. A 21 de junho (quando fazia um mês que estava fora de casa, pois fiquei num barraco no subúrbio) caiu preso Fidel com um grupo de companheiros, e na casa havia o endereço onde nós estávamos, de maneira que caímos todos na rede. Eu tinha meus documentos, que me creditavam como estu-

(*) Cárcere do Governo do México: Miguel Schultz

(**) Petit: Ulises Petit de Murat.

dante de russo no Instituto do Intercâmbio Cultural Mexicano, o que foi suficiente para que fosse considerado um elo importante na organização, e as agências de notícias amigas do papai*** começaram a gritar pelo mundo afora.

Isto é uma síntese dos acontecimentos passados, os futuros dividem-se em dois, os mediatos e os imediatos. Dos imediatos, lhes direi que meu futuro está ligado à libertação cubana, ou triunfo com ela ou morro lá (essa é a explicação de uma carta um tanto enigmática que mandei à velha faz algum tempo). Do futuro mediato tenho pouco a dizer pois não sei o que vai ser de mim. Estou à disposição do juiz e não será difícil que seja deportado para a Argentina, a não ser que eu consiga asilo num país intermediário, coisa que acho seria conveniente para a minha saúde política.

De qualquer maneira, tendo que sair para o novo desterro ou ficando preso neste cárcere, Hilda retornará ao Peru, que já tem novo governo e concedeu anistia política.

Por motivos óbvios, diminuirei muito a minha correspondência; aliás, a polícia mexicana tem o agradável hábito de seqüestrar as cartas, é bom que você escreva sobre as coisas da casa e banalidades. Ninguém acha graça no fato de um filho da puta inteirar-se dos problemas íntimos da gente, por insignificantes que sejam. Um beijo para Beatriz****, expliquem por que não escrevo e digam-lhe que não se preocupe em mandar jornais por enquanto.

Estamos às vésperas de declarar uma greve de fome indefinida, como protesto contra as detenções injustificadas e as torturas a que foram submetidos alguns dos meus companheiros. O moral de todo o grupo é alto.

Por enquanto continuem escrevendo para a casa.

Se por qualquer causa, que não acredito, não puder escrever mais e chegar a minha vez de perder, considerem estas linhas como uma despedida, não muito grandiloquente mas sincera. Passei pela vida procurando a minha verdade

(***) Agências noticiosas amigas do papai: refere-se à United Press, Associated Press etc, em tom de blague, consideradas como amigas.

(****) Beatriz: tia de “Che”, que o amou como uma mãe.

aos solavancos, e já no caminho e com uma filha que me torna perpétuo, fechei o ciclo. A partir de agora não consideraria a minha morte uma frustração, apenas como Hikmet:

“só levarei ao túmulo
a tristeza do meu canto inacabado”.
Beijos para todos do

Ernesto

AOS FILHOS

Meus queridos Hildita, Aleidita, Camilo, Célia e Ernesto:

Se algum dia vocês lerem esta carta, vai ser porque eu já não estarei mais com vocês.

Quase não lembrarão de mim, e os mais pequenos não lembrarão nada.

Seu pai foi um homem que age como pensa e, certamente, foi leal às suas convicções.

Cresçam como bons revolucionários. Estudem muito, para poder dominar a técnica que permite dominar a natureza. Lembrem que a Revolução é o mais importante, e que cada um de nós, sozinho, não vale nada.

Sobretudo, sejam capazes sempre de sentir profundamente qualquer injustiça cometida contra qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo. É a qualidade mais bela de um revolucionário.

Até sempre, filhinhos, espero vê-los ainda. Um beijo grande e um abraço do

Papai

À FILHA HILDA

15 de fevereiro de 1966

Hildita querida:

Escrevo hoje, embora a carta deva chegar bem mais tarde; mas quero que você saiba que eu lembro de você e que espero que seu aniversário seja um dia muito feliz. Você já é quase uma mulher, e eu não posso escrever como se escreve a uma criança, contando bobagens ou mentirinhas.

Você deve saber que eu continuo longe e que ficarei muito tempo longe de você, fazendo o que for possível para lutar contra os nossos inimigos. Não que seja grande coisa, mas o que posso eu fazer, e creio que você sempre sentirá orgulho por seu pai, como eu sinto por você.

Lembre que temos pela frente muitos anos de luta, e que você, mesmo sendo mulher, deverá fazer parte dessa luta. Entretanto, é preciso que você se prepare, que você seja muito revolucionária, coisa que na tua idade significa aprender muito, o máximo possível, e que você esteja sempre disponível para apoiar as causas justas. Além disso, obedeça à sua mãe e não faça nada antes do tempo adequado. Essa época chegará.

Você deve lutar para ser uma das melhores alunas na escola. Melhor em todos os sentidos, e você sabe o que isto quer dizer: estudo e atitude revolucionária, isto é: boa con-

duta, seriedade, amor à Revolução, companheirismo, etc. Eu não era assim na tua idade, mas estava numa sociedade diferente, quando o homem era o inimigo do homem. Agora você tem o privilégio de viver outra época e é preciso ser digna dela.

Não esqueça de dar atenção à casa e olhar as crianças, aconselhar que estudem e se comportem bem. Especialmente Aleidita, que te ouve muito na tua condição de irmã mais velha.

Muito bem, filha, mais uma vez, que você seja muito feliz no seu aniversário. Dê um abraço na sua mãe e em Gina, e para você vai um muito grande, muito forte, que possa valer para todo tempo em que não nos vejamos, de seu

Papai

AOS PAIS*

Queridos velhos:

Mais uma vez sinto sob os calcanhares as costelas de Rocinante, volto aos caminhos empunhando minha lança.

Faz mais ou menos dez anos, eu lhes escrevia outra carta de despedida. Segundo me parece lembrar, eu lamentava não ser melhor soldado e melhor médico; a segunda coisa já não me interessa, e creio que não sou um soldado tão ruim.

Nada mudou na essência, a não ser que agora estou muito mais consciente, meu marxismo está enraizado e apurado. Acredito na luta armada como a única solução para os povos que lutam pela libertação e sou conseqüente com as minhas convicções. Muitos dirão que sou um aventureiro, e sou de fato, só que um tanto diferente, sou daqueles que arriscam a vida para demonstrar suas verdades.

Pode ser que desta vez seja a definitiva. Não procuro isso, mas está dentro do cálculo lógico de probabilidades. Se for assim, vai o meu último abraço.

Amei-vos muito; apenas não soube expressar meu carinho, sou muito rígido nas minhas atitudes e penso que às vezes não fui bem entendido. Não era fácil entender-me. No entanto, peço-vos que acreditem no que digo hoje.

Agora, uma força de vontade, que trabalhei com deleite

(*) Esta carta foi escrita em meados de 1965.

de artista, sustentará umas pernas fracas e um par de pulmões cansados. Hei de conseguir.

Lembrem, uma vez ou outra, deste pequeno condottiere do século XX. Um beijo para Célia, Roberto, Juan Martin e Patotin, Beatriz, todos. Um grande abraço do filho pródigo e teimoso para vocês.

Ernesto

AO COMANDANTE FIDEL CASTRO

Sierra Maestra, 9 de dezembro de 1957.

Comandante:

Vingamo-nos devidamente da derrota do Hombrito, matando, no Alto de Conrado, pelo menos três soldados. A vitória não foi de graça, pois não conseguimos apreender nenhuma arma e perdemos um fuzil.

Alejandro Oñate foi ferido no ombro e a mim me acertaram uma bala de M-1 no peito do pé, que ali ficou alojada e me impede totalmente de andar, por enquanto. Ramiro assumiu a chefia da coluna e vai com a maioria do pessoal até o lugar que te indicará o portador. Precisamos de um rápido suprimento de 30.06 e 45 automáticas. Eu estou em segurança, com uma emboscada preparada. Sinto muito não ter escutado os teus conselhos, mas o moral do pessoal estava muito abalado pelo cansaço inútil a que foi submetido, e eu achei necessária a minha presença na primeira linha de fogo. No entanto, tomei muitos cuidados e o ferimento foi casual.

A nossa recuperação foi notável, pois podemos calcular doze baixas definitivas no inimigo, entre mortos e prisioneiros, sem contar os feridos. O resultado foi pobre quanto à captura de armamentos.

A situação está calma e não há notícias de outras tropas na vizinhança, fora uma pequena guarnição em Mar Verde,

que não ouse atacar pela escassez de munição. Junto as proclamas, produto do “gênio” de Capote, cuja farta distribuição determinei, dentro das nossas possibilidades.

Despede-se, fraternalmente,

Che

AO COMANDANTE FIDEL CASTRO

S(ierra) M(aestra), 5 de janeiro de 1958.
8h 45m

Fidel:

Recebi o texto da carta enviada a Prío, que já está sendo impressa. Quanto ao conteúdo, parece-me ser um documento da mesma categoria, no mínimo, daquele de Montecristi, e com certeza se tornará um protótipo histórico. Hoje, talvez, provocará algumas retrações, sobretudo em algumas altas esferas industriais, porém, como dizia Lênin, a política de princípios é a melhor política. O resultado final será magnífico.

É simplesmente fantástico que já possamos ir até Manzanillo. Eu, de fato, tenho uma pequena coluna a mando do Israel, operando no lugar que você indicou. Não tenho notícias diretas, porém, pelo que tenho ouvido, parece que tomou (ilegível) com sete soldados, que soltou mais tarde. Segundo alguns, ele conta já com oitenta homens. Tenho a intenção de nomeá-lo capitão, chamar um professor para alfabetizá-lo e incumbi-lo de alguma missão. Quanto à minha tropa Ramiro já deve ter falado a você. Camilo está em plena forma e conta com toda a minha confiança. Para terminar, quero reiterar a você minhas congratulações pelo documento. Eu já lhe disse que será sempre seu o mérito de haver demonstrado a pos-

sibilidade de luta armada apoiada pelo povo, na América. Agora você vai pelo caminho maior de ser um dos dois ou três homens na América que chegaram ao poder através de uma luta armada multitudinária.

Saudações do

Che

AO COMANDANTE FIDEL CASTRO

1 de Abril de 1965*
“Ano da Agricultura”
Havana

Fidel:

Lembro-me nesta hora de muitas coisas, de quando te conheci na casa de Maria Antónia, de quando você me propôs ir junto, de toda a tensão dos preparativos.

Um dia alguém passou perguntando quem deveria ser avisado em caso de morte, e a possibilidade real do fato golpeou-nos a todos. Depois soubemos que era verdade, que numa Revolução ou se vence ou se morre (se ela for verdadeira). Muitos companheiros ficaram ao longo do caminho para a vitória.

Hoje tudo tem um tom menos dramático porque já amadurecemos, mas o fato é o mesmo. Sinto que cumpri a parte de meu dever que me ligava à Revolução Cubana em seu território e me despeço de ti, dos companheiros, de teu povo que já é meu.

Demito-me formalmente de meus postos na Direção do Partido, do meu cargo de Ministro, de minha patente de Co-

(*) Lida por Fidel Castro a 3 de outubro de 1965, em praça pública, por ocasião da apresentação do Comitê Central do Partido Comunista Cubano.

mandante, de minha condição de cubano. Nada legal me liga a Cuba, apenas laços de outro tipo, que não se podem romper como as atribuições.

Fazendo um rápido balanço de minha vida passada, creio haver trabalhado com suficiente honestidade e dedicação, para consolidar a vitória revolucionária. Minha única falta, de certa gravidade, foi não haver confiado mais em ti desde os primeiros momentos de Sierra Maestra e não haver entendido com rapidez suficiente tuas qualidades de líder e revolucionário. Vivi dias maravilhosos e senti ao teu lado o orgulho de pertencer ao nosso povo nos dias luminosos e tristes da Crise do Caribe.

Poucas vezes brilhou mais alto um estadista quanto naqueles dias, orgulho-me também de haver seguido teus passos sem vacilações, identificado com a tua maneira de pensar e de ver e de apreciar os perigos e os princípios.

Outras terras do mundo reclamam o concurso de meus modestos esforços. Eu posso fazer aquilo que te é negado pela tua responsabilidade á frente de Cuba e chegou a hora de separar-nos.

Saiba-se que faço isso com um misto de alegria e de dor; deixo aqui o mais puro das minhas esperanças de construtor e os mais amados dentre meus entes queridos . . . e deixo um povo que me admitiu como um filho; isso dilacera uma parte de meu espírito. Nos novos campos de batalha carregarei a fé que me inculcaste, o espírito revolucionário de meu povo, a sensação de cumprir com o mais sagrado dos deveres: lutar contra o imperialismo onde quer que ele esteja; isto reconforta e cura sobejamente qualquer ferida.

Digo mais uma vez que libero Cuba de qualquer responsabilidade, salvo a que emanar de seu exemplo. Se me chegar a hora definitiva sob outros céus, meu último pensamento será para este povo e especialmente para ti. Agradeço aquilo que me ensinaste e teu exemplo, ao qual tentarei ser fiel até às últimas conseqüências dos meus atos. Digo que sempre me identifiquei com a política externa da Revolução e que assim permaneço. Que no lugar onde eu estiver sentirei a

responsabilidade de ser revolucionário cubano e agirei como tal. Que não deixo aos meus filhos e minha mulher nada de material e isto não me aflige: alegra-me que assim seja. Que não peço nada para eles, pois o Estado lhes dará o suficiente para viver e educar-se.

Teria muitas coisas a dizer, a ti e ao nosso povo, mas sinto que são desnecessárias, as palavras não podem exprimir o que eu sinto, e não vale a pena sujar mais papel.

Até a vitória sempre. Pátria ou Morte!

Abraça-te com todo o fervor revolucionário

Che

AO COMANDANTE FIDEL CASTRO

Mensagem para o 26 de julho (1967)

Companheiro Fidel Castro:

Do oriente boliviano, onde lutamos para repetir velhas gestas nacionais, inspiradas no exemplo moderno da Revolução Cubana, porta-estandarte dos povos oprimidos do mundo, vai nossa saudação fraternal e calorosa unir-se às de milhões de pessoas que consideram esta data como o início da última etapa da libertação americana. Receba o senhor, os companheiros e o povo todo, o testemunho de nossa devoção sem reservas á causa comum e nossas felicitações por ocasião de mais um aniversário da luta intransigente contra o imperialismo norte-americano.

Che

AO COMANDANTE CAMILO CIENFUEGOS

2 de abril de 1958

9h:55m

Camilo:

Não desperdice balas em combates sem importância. Aqui a coisa esteve boa, pois Vilo e o pessoal se atracaram durante umas cinco horas. Não aconteceu nada, além das coisas que queimaram; é possível que tenhamos matado um deles.

Organiza todo o pessoal e tenta saber quantos hectares e quantas cabeças de gado possui a Candelária; tenta enviar o Vitorino para bater um papo comigo. Mantenha-me informado de tudo.

Comunique-se com (ilegível).

Dê instruções ao Chivo para que opere na região Bayamo-Veguitas. (Por esse lado e não por outro). Diga a ele que enviarei o pessoal assim que chegarem.

Che

Mando umas cartas. O pacote é do Chivo.

AO COMANDANTE CAMILO CIENFUEGOS

3 de abril de 1958
19 horas

Camilo:

Te mando por volta de 800 balas. Mendoza levará mais. Mando como reforço, pois chegou um caminhão carregado de armas (avião, não caminhão). Chegou uma grande quantidade de balas, mas não sobraram muitas para mim. O avião foi incendiado para evitar sua identificação, pois não conseguiu decolar. Chegaram 50 projéteis de morteiro.

Me faz saber de todas as tuas atividades e do resultado de tua entrevista com Hernán, ainda, como vão as coisas por aí, pois aqui não sabemos nada sobre vocês. Lembra o quanto é fundamental impedir o trânsito pela estrada central.

Che

AO COMANDANTE CAMILO CIENFUEGOS

5 de abril de 1958

Camilo:

É muito importante que me mandes notícias de tudo quanto souberes ou tiveres feito, não apenas do ponto de vista militar, mas também quanto à paralisação do transporte e a greve geral, pois não tenho notícias de nada.

Te mando o Mendoza e os carabineiros do Oscar. Pedi também que contatasses o Victorino Pérez, que formou sua guerrilha por essas bandas, para falar com ele. Informa-me quanto à atitude de Hernán e a cooperação mútua que pode ser estabelecida entre eles.

Boa sorte. Já solucionei o problema de Mendoza, que pode ficar por aí mesmo. Vão mais 800 balas. Se achares que Alcibiades pode ser útil em El Dorado, devolve a ele o Garand que eu lhe dei.

Che

AO COMANDANTE CAMILO CIENFUEGOS

12 de abril de 1958

1h:05m

Pobre diabo:

Recebi as tuas notícias quando estava prestes a sair para tua região e meter um sapato no (ilegível). Tenho autorização do gigante para isso. É bom não ires a Camagüey ainda. Pensava te propor, se fracassasse a greve, a organização de uma coluna invasora de vinte homens e te deixar encalhado na região, porém, com a tua antecipação por escrito, proporei que sejam duas pequenas colunas com seus correspondentes comandantes. Na região podes fazer o que bem entenderes, mas é bom não arriscar muito, para poder assistir ao final da festa, que está próximo, me parece.

Te mando, ainda, esta pequena lembrança de uma noite na Otilia:

Aprendi em livros velhos
que tratam do destino
que não se chega muito longe
se detrás vou eu, cretino.

M.I.O.

estarei aí logo, prepara cigarros, beijinhos para todos

Che

AO COMANDANTE CAMILO CIENFUEGOS

7 de setembro de 1958

2h:45m

Camilo:

Estou em casa do teu xará Camilo López, perto dali, e parto hoje á tarde rumo ao arrozal, que a essas alturas já deve ter sido ocupado, pois eu pensava em confiscar ali alguns caminhões, embora agora me informem que no arrozal não há nem jipes e que em Jobabo estão mais de 400 soldados. Boatos, provavelmente, mas é preciso organizar ações. Manda informações sobre o teu roteiro e previne o pessoal para um possível enfrentamento, que dizem irá ocorrer.

Che

Às 4 horas sai o primeiro para arrozal.

AO COMANDANTE CAMILO CIENFUEGOS

19 de outubro de 1958

Camilo:

Quanto ao bilhete anterior, é preciso apenas mudar as ações sobre Morón, que parece estar muito longe para as nossas possibilidades.

Vai junto o bilhete de Fidel, que eu já li, e 2.000,00, chá, café 1.000,00. Não adiro às congratulações, pois uma pequena parte dela é minha.

Faça o que puderes até que eu bata um papo com este pessoal e tem mande uma impressão geral da situação e fica.

Novo abraço

Che

Adendo

Até o estabelecimento de um comando único que resolverá na zona, vai formando uma comissão encarregada do abastecimento e distribuição eqüitativa dos alimentos.

Manda logo o câmara.

Abraços.

Ramiro.

AO COMANDANTE FAURE CHAUMON*

25 de outubro de 1958
19h:20m

A Faure Chaumon*,
Secretário-Geral do Diretório Revolucionário

Faure (ou qualquer outro responsável):

Estou esperando notícias. Espero que não tenha acontecido nada a vocês durante o bombardeamento de hoje. Alguém veio aqui dizendo que Juanito estava cercado: me informem se isto é verdade e se ele precisa de ajuda. Preciso informações quanto à situação no ponto que nos interessa e, no caso de que vocês não possam fazer o trabalho, vejam se podem me arranjar dois guias.

Saudações

Che

(*) Fundador do Diretório Revolucionário, com José Antônio Echevarría, um dos chefes do ataque ao Palácio Presidencial, combatente de Escambray, Comandante Rebelde, ex-Ministro dos Transportes. Estudante, nascido em Camagüey.

AO COMANDANTE FAURE CHAUMON

Serra do Escambray,
7 de novembro de 1958

Sr. Secretário-Geral
do Diretório Revolucionário.
Companheiro Faure Chaumon.

Prezado Companheiro:

O objetivo desta carta é o de informá-lo quanto aos últimos acontecimentos ocorridos no seio desta serra do Escambray.

As dificuldades surgidas entre nós e a organização denominada Segunda Frente do Scambray foram entrando em crise após o apelo do nosso chefe máximo dr. Fidel Castro até culminar numa aberta agressão cometida contra um dos meus capitães localizado na zona de San Blas. Essa delicada situação torna impossível chegar-se a um acordo com a mencionada organização.

Durante nossa última entrevista não consegui apresentar propostas concretas devido à expressa negativa de parte de Vs. Ss. de conversar sequer com membros da Segunda Frente, o que estava em contradição com as instruções unionistas que eu trazia de Sierra Maestra. Considero que, no momento atual, o Movimento 26 de Julho sequer pode falar

num plano fraternal com essa instituição, fato que abre o caminho para que realizemos conversações concretas sobre todos os pontos de interesse de nossas respectivas organizações.

Em conversações oficiais havidas com membros do Partido Socialista Popular, eles demonstraram uma postura francamente unionista e colocaram à disposição dessa unidade sua organização na planície e suas guerrilhas da frente de Yaguajay.

Posso manter um encontro com o sr. no lugar que achar mais conveniente, mas, se por motivos de ações militares não me for possível fazer este contato, está autorizado para representar-me neste encontro o comandante Ramiro Valdés, segundo Chefe Militar desta zona, pelo Movimento 26 de julho.

Aproveito a oportunidade para informar que o companheiro Pompillo Viciado reiterou sua disposição de ser submetido a julgamento antes de abandonar nossas fileiras, razão pela qual ficará detido neste acampamento até o esclarecimento total dos fatos, agradecendo qualquer declaração que pudessem fazer testemunhas oculares ou conhecedoras ocasionais do fato e o comparecimento de todos eles ao julgamento, que será realizado quando estejam reunidos os elementos de prova dispersos.

Receba a saudação revolucionária.

Che

Comandante-Chefe da região de Las Villas
pelo Movimento 26 de Julho

AO COMANDANTE FAURE CHAUMON

Dezembro de 1958

A Faure Chaumon,
Secretário-Geral do Diretório Revolucionário

Faure:

Fomos cercando o povoado durante a noite. Agora já dominamos uma posição na qual se renderam nove soldados. Existem mais duas posições, que estão cercadas, bem como o quartel. O caminho de Nazareno está bem custodiado. Se vocês os detêm em Báez, deverão se render.

Saudações

Che

A ENRIQUE OLTUSKI

Santa Lúcia,
3 de novembro de 1958

Prezado Sierra:

Acabo de receber tua carta com enorme surpresa, pois percebo que o que aqui se discute e aqui se aprova não é a mesma coisa na peneira da planície. Você escreve que Diego está de acordo com você e aqui ele estava de acordo comigo. Será que o Diego não tem palavra ou, simplesmente, não tem opinião sobre problemas fundamentais da Revolução.

Dizes que nem o próprio Fidel fez isso quando não tinha o que comer. É verdade: mas quando ele não tinha o que comer, tampouco tinha forças para cometer um ato dessa natureza. Quando pedimos ajuda às classes que poderiam sofrer em seus interesses por causa do assalto, eles nos responderam com evasivas para, finalmente, atrair-nos, como ocorreu com os arroteiros na recente ofensiva.

Segundo o portador da carta, os dirigentes dos povoados ameaçam renunciar. Estou de acordo com isso. Mais ainda, exijo isso agora, pois não se pode permitir um boicote deliberado a uma medida tão benéfica como essa, para os interesses da Revolução.

Vejo-me na triste necessidade de lembrar-te que fui nomeado comandante-chefe, precisamente para dar uma uni-

dade de comando ao Movimento e para fazer as coisas da melhor maneira possível. Por causa dos medrosos, não foi possível realizar o ataque a Fomento, como planejáramos. Na hora do tiroteio, havia um número ridículo de coquetéis, não existia um único miliciano para realizar as tarefas encomendadas e eles acharam que ainda não era o momento indicado. Com renúncia ou sem renúncia, eu hei de acabar com a autoridade que fui investido, com todas as pessoas fracas das populações dos arredores da Sierra. Não pensei que viesse a ser boicotado por meus próprios companheiros. Percebo agora que o velho antagonismo, que acreditávamos superado, renasce agora com a palavra “planície”, e os chefes divorciados da massa do povo emitem opinião sobre as reações desse povo. Eu poderia te perguntar: por que não foram os guajiros. que acharam ruim a tese de que a terra é para quem a trabalha, e sim os latifundiários? E se esse fato não tem relação com o fato de que a massa combatente esteja de acordo com o assalto aos bancos, quando nenhum deles tem um tostão lá dentro. Nunca pensaste nas raízes econômicas diante da mais arbitrária entre as instituições financeiras? Aqueles que fazem seu dinheiro emprestando o dinheiro alheio e especulando com ele não têm direito a considerações especiais. A quantia miserável que oferecem é o que ganham num dia de exploração, enquanto este sofrido povo perde o sangue na Sierra e na Planície, e sofre diariamente a traição de seus falsos guias.

Me ameaças com a responsabilidade total pela destruição da organização. Aceito essa responsabilidade revolucionariamente e estou disposto a prestar contas da minha conduta na frente de qualquer tribunal revolucionário, no momento em que isso disponha a Direção Nacional do Movimento. Prestarei conta do último tostão que seja confiado aos combatentes da Sierra, ou que eles obterem por qualquer meio. Mas pedirei contas de cada um dos 50.000 pesos que anuncias, pois comunico-te que, por resolução de Fidel, em carta que te mostrarei quando subires, a tesouraria da Frente do Escambray deve ficar aqui.

Me pedes um recibo com minha assinatura, coisa que não costumamos fazer entre companheiros. Sou absolutamente responsável pelos meus atos e a minha palavra vale mais do que todas as assinaturas do mundo. Se eu exigir a assinatura de alguém, é porque não estou convencido da sua honestidade. Não me passaria pela cabeça pedir a tua assinatura para coisa nenhuma, embora eu exigiria cem a Gutiérrez Menoyo.

Acabo com uma saudação revolucionária è te espero junto com o Diego,

Che

A JOSÉ E. MARTI LEYVA

Havana, 5 de Fevereiro de 1959

Sr. José E. Marti Leyva
Mártires N9 180
Holguín, Oriente

Caro Amigo:

Foi com muito prazer que tomei conhecimento da sua generosa oferta para lutar pela liberdade dos nossos vizinhos, o povo de São Domingos.

Tendo tomado em consideração todo o valor desta oferta desinteressada e nobre, peço-lhe que mantenha vivo o seu entusiasmo para o futuro, quando surgir uma oportunidade. Entretanto, aproveite para estudar a fim de se tornar um homem útil, que é algo de que muito necessitamos em Cuba. Estou certo que se tornará um deles. Dedique-se ao desenho, prometa-me.

Saudações Cordiais

Dr. Ernesto Che Guevara
Comandante-Chefe
Departamento Militar de La Cabaña

A JUAN HEHONG QUINTANA

Havana, 5 de fevereiro de 1959

Sr. Juan Hehong Quintana
A-6, Primeira, 371
Oeste, Cárdenas.

Prezado amigo:

Agradeço seu gesto. É sempre bom que a juventude esteja disposta a sacrificar-se por causas tão nobres como a libertação de São Domingos, mas acredito que neste momento nosso lugar de combate é aqui, em Cuba, onde existem enormes dificuldades a vencer.

Dedique-se, por enquanto, a trabalhar com entusiasmo pela nossa Revolução. Essa será a melhor ajuda que poderemos oferecer ao povo dominicano, isto é, o exemplo de nossa vitória total.

Receba as saudações de,

Dr. Ernesto (Che) Guevara
Comandante-Chefe Depto. Militar
La Cabaña

A CARLOS FRANQUI

Tarará, 10 de março de 1959

Companheiro Carlos Franqui
Diretor do Jornal Revolución
Havana

Companheiro Franqui:

Vi na revista CarteLes, na seção “Detrás da Notícia”, escrita por Antônio Llano Montes, uma nota que me interessou, e que faz insinuações quanto à minha posição revolucionária, na seguinte frase, aparentemente inofensiva: “O Comandante Che Guevara fixou sua residência em Tarará”.

Não irei analisar aqui quem é o referido jornalista, nem darei notícias sobre o que dele consta nos arquivos cuja custódia me foi encomendada. Não é minha intenção fazer acusações ou contra-acusações. O meu dever é apenas com a opinião pública e àqueles que confiaram em mim enquanto revolucionário.

Esclareço aos leitores de Revolución que estou doente, que a minha doença não foi contraída em casas de jogo ou passando noites nas boates, mas trabalhando mais do que o meu organismo podia suportar, em benefício da Revolução,

Os médicos me recomendaram uma casa num lugar afastado da visitação diária e a Recuperação de Bens Imó-

veis me emprestou a casa em que vou morar na mencionada praia, até que os colegas que me tratam me concedam alta. Fui obrigado a ocupar uma casa de personagens do antigo regime, pois meu soldo de \$ 125,00 de oficial do Exército Rebelde não me permite pagar um local suficientemente espaçoso para acomodar o pessoal que me acompanha.

O fato de tratar-se da casa de um antigo funcionário de Batista indica que se trata de uma residência luxuosa. Escolhi a mais simples, mesmo assim, constitui um insulto à sensibilidade popular. Prometo ao senhor Llano Montes e especialmente ao povo de Cuba que a abandonarei assim que minha saúde melhorar.

Agradeço-lhe a publicação destas linhas, para melhor esclarecimento de nosso povo, perante o qual temos uma responsabilidade.

Cordialmente

Che

A CARLOS FRANQUI

29 de dezembro de 1962

Companheiro Carlos Franqui
Diretor do Jornal Revolución
Cidade

Companheiro Franqui:

Não gostei da rotogravura publicada há poucos dias; permite que eu te diga isso com toda a minha sinceridade e que te aponte as razões, desejando que estas linhas sejam publicadas como um “desabafo meu”.

Deixando de lado fatos pequenos que não falam bem da seriedade do jornal, como essas fotos com grupos de soldados apontando para um suposto inimigo e com o olho virado para a câmara, há outros erros fundamentais:

1) Esse extrato do diário não é inteiramente autêntico. A coisa foi assim: me perguntaram (ainda durante a guerra) se eu tinha escrito um diário da invasão. Eu tinha, realmente, mas sob a forma de anotações sucintas, para o meu uso pessoal, e não tinha tempo, naqueles momentos, para desenvolvê-lo. Disso ficou encarregado (não lembro agora em quais circunstâncias) um senhor de Santa Clara, que resultou ser bastante “inventivo” e resolveu acrescentar façanhas por meio de adjetivos.

O escasso valor que poderiam ter essas quatro anotações, acaba quando perdem a autenticidade.

2) É falso que a guerra constituísse para mim uma coisa secundária, por atender ao campesinato. Naquele momento ganhar a guerra era o que importava, e acredito que me dediquei a essa tarefa com todo o empenho de que era capaz. Após entrar no Escambray, dei dois dias de descanso a uma tropa que suportara quarenta e cinco dias de marcha em condições terrivelmente difíceis e reiniciei as operações tomando Güinía de Miranda. Se pecamos por alguma coisa, foi ao contrário; pouca atenção para a difícil tarefa de brigar com os inúmeros bandoleiros que infestavam aqueles morros; Gutiérrez Ménoyo e sua quadrilha me obrigaram a engolir muitos sapos para poder dedicar-me à tarefa essencial: A Guerra.

3) É falso que Ramiro Valdés fosse “íntimo colaborador de Che, em assuntos de organização”. Eu não entendo como, na tua qualidade de diretor, deixaste passar uma coisa dessas, conhecendo o Ramiro tão bem.

Ramirito esteve em Moncada, preso em Ilha de Pinos, veio no Granma como tenente, foi promovido a capitão quando eu fui nomeado comandante, dirigiu uma coluna na qualidade de comandante, foi segundo-chefe na invasão e depois dirigiu as operações do setor Leste, enquanto eu marchava em direção a Santa Clara.

Considero que a verdade histórica deve ser respeitada: fabricá-la ao belprazer não leva a nenhum resultado positivo. Por isso - e por ser ator dessa parte do drama - adquiri coragem para fazer estas notas críticas que pretendem ser construtivas. Parece-me que se o texto tivesse sido submetido a uma boa revisão, muitos erros poderiam ter sido evitados.

Feliz Natal e um ano novo sem muitas manchetes de impacto (pelo que elas acarretam) te deseja.

Che
Departamento Militar de La Cabana

A VALENTINA GONZÁLEZ BRAVO

Havana, 25 de maio de 1959

Srta. Valentina González Bravo
Narciso López, 35 Morón, Camagüey

Prezada senhorita:

Li a carta em que me pede indicações para a doutrinação regulamentaria do “26 de Julho” oficial. Admiro seu interesse em cultivar-se; cumprimento-a pelo esforço que faz e pelos propósitos que a animam.

Não acredito que seja possível escrever sob uma doutrinação regulamentada, além do fato de que não existe o 26 de Julho oficial. Eu penso que escrever é uma maneira de enfrentar problemas concretos e uma posição assumida por sensibilidade diante da vida.

Continue a trabalhar, pois a vitória haverá de coroar seus esforços. Vencer a adversidade é, na profissão que a srta. escolheu, um dos melhores meios para o próprio aperfeiçoamento.

Saudações cordiais

Dr. Ernesto Che Guevara

Comandante-Chefe do Departamento Militar de La Cabaña

A JOSE RICARDO GOMES

Havana, 7 de Junho de 1959

Sr. José Ricardo Gómez
Las Heras 126 Ezeiza, Argentina

Amigo:

Respondo à sua carta com um certo atraso. Compreenderá que tenho muito trabalho e que escrever é para mim um esforço. Respondendo diretamente às perguntas da sua carta informo que os primeiros oitenta rebeldes adquiriram as armas na cidade do México. Estas consistiam essencialmente de metralhadoras, metralhadoras ligeiras e as granadas eram fabricadas nos Estados Unidos. Foram poucos os sobreviventes do desembarque; na realidade, nessa altura, não nos organizamos; era mais uma questão de escaparmos e salvarmos a vida. Refugiamo-nos em “bohíos” (como aqui chamam às cabanas dos camponeses) e fazíamos longas caminhadas de noite. Não atacamos em massa, mas em pequenos pelotões de “guerrilleros” colocados em posições estratégicas - era assim que atacávamos.

Com os meus desejos de boas melhoras e cordiais saudações.

Dr. Ernesto Che Guevara Comandante-Chefe Departamento Militar de La Cabaña

A ERNESTO SÁBATO

Havana, 12 de abril de 1960
“Ano da Reforma Agrária”

Sr. Ernesto Sábato
Santos Lugares
Argentina

Prezado patricio:

Faz já uns quinze anos, quando conheci um filho seu, que já deve estar próximo dos vinte, e sua mulher, naquele lugar que acredito se chamava “Cabalando”, em Carlos Paz e, depois, quando li seu livro *Uno y el Universo*, que me fascinou, não pensava que viria a ser o sr. - possuidor daquilo que era para mim o mais sagrado do mundo, o título de escritor - quem viesse me pedir, com o passar do tempo, uma definição, uma tarefa de reencontro, como o sr. diz, baseado numa autoridade avaliada por alguns fatos e muitos fenômenos subjetivos.

Fiz estes comentários preliminares apenas para lembrar-lhe que pertenço, apesar de tudo, à terra onde nasci, e que sou ainda capaz de sentir profundamente todas as suas alegrias, todas as suas esperanças e também suas decepções. Seria difícil explicar-lhe por que “isto” não é uma Revolução Libertadora; talvez tivesse que dizer-lhe que vi as aspas

nas palavras que o sr. denuncia, já nos primeiros dias, e eu identifiquei aquela palavra com a mesma coisa que acontecera numa Guatemala que eu acabara de abandonar, vencido e quase decepcionado. E como eu, éramos todos aqueles que participamos desde o início nesta aventura estranha, e que fomos aprofundando nosso senso revolucionário no contato com as massas camponesas, em profundo inter-relacionamento, durante dois anos de lutas cruéis e de tarefas realmente vultosas.

Não poderíamos ser “libertadora” porque não éramos parte de um exército plutocrático, éramos apenas um novo exército popular, que se levantou em armas para destruir o velho; e não poderíamos ser “libertadora” porque nossa bandeira de combate não era uma vaca, mas, em todo caso, um arame de divisa latifundiária destorcido por um trator, o que é hoje o símbolo do nosso INRA (Instituto Nacional de Reforma Agrária). Não podíamos ser “libertadora” porque nossas empregadinhas choraram de alegria no dia em que Batista foi embora e entramos em Havana e hoje continuam dando informações sobre todas as manifestações e todas as ingênuas conspirações do pessoal “Country Club”, que é o mesmo pessoal “Country Club” que o sr. conheceu lá e que foram às vezes seus companheiros de ódio contra o peronismo.

Aqui, a forma de submissão da intelectualidade tomou um aspecto muito menos sutil que na Argentina. Aqui, a intelectualidade era escrava no duro, não fantasiada de indifferente, como lá, e muito menos fantasiada de inteligente; era uma escravidão simples, colocada a serviço de uma causa de opróbrio, sem complicações; esbravejavam, apenas. Mas tudo isto é apenas literatura. Encaminhar ao sr., como o sr. fez comigo, um livro sobre a ideologia cubana, seria encaminhá-lo a um prazo de um ano à frente; hoje só posso mostrar, como uma tentativa de teorização desta Revolução, primeira tentativa a sério, talvez, mas muito prático, como o são todas as nossas coisas de empíricos inveterados, este livro sobre a Guerra de Guerrilhas. Ele é quase que um expoente pueril de que sei colocar uma palavra após a outra; não tem a preten-

são de explicar as grandes coisas que inquietam o sr. e talvez tampouco pudesse explicá-las o segundo livro que tenciono publicar, se as circunstâncias nacionais e internacionais não me obrigarem novamente a empunhar um fuzil (tarefa que desprezo como governante mas que me entusiasma como homem que preza a aventura). Antecipando aquilo que pode vir ou não (o livro), posso lhe dizer, tentando sintetizar, que esta Revolução é a mais genuína criação da improvisação.

Em Sierra Maestra, um dirigente comunista que nos visitara, admirado com tanto imprevisto e com a maneira com que funcionavam todas as molas, que funcionavam por conta própria, a uma organização central, dizia que se tratava do caos mais perfeitamente organizado do universo. E esta Revolução é assim, por que se movimentou à frente da própria ideologia. Devemos lembrar que Fidel Castro era um candidato a deputado por um partido burguês, tão burguês e respeitável quanto o Partido Radical na Argentina; que seguia a linha de um líder desaparecido, Eduardo Chibás, com características que poderiam ser semelhantes às do mesmo Irigoyen; e nós, que acompanhávamos Fidel, éramos um grupo de homens com pouco preparo político, contando somente com a boa vontade e nossa honestidade inata. Foi assim que gritamos: “no ano de 1956 seremos heróis ou mártires”. Um pouco antes, gritávamos, ou melhor, Fidel gritava: “vergonha contra dinheiro”. Sintetizávamos em frases singelas nossa também singela atitude.

A guerra nos revolucionou. Não existe experiência mais profunda para o revolucionário do que o ato da guerra; não o fato isolado de matar, nem o de carregar um fuzil ou estabelecer uma luta deste ou daquele tipo. É a totalidade do fato guerreiro, quando se sabe que um homem armado vale enquanto unidade combatente, e tem o mesmo valor de qualquer homem armado, e pode não mais ter medo de outros homens armados. Explicar, nós mesmos, os dirigentes, aos camponeses indefesos, como eles poderiam empunhar um fuzil e demonstrar a esses soldados que um camponês armado valia tanto quanto o melhor deles; aprender, também,

que a força de um não vale nada se não está apoiada na força de todos; aprender, ao mesmo tempo, que as palavras de ordem revolucionárias devem responder a palpitantes anseios do povo; e aprender a conhecer as vontades profundas do povo e transformá-las em bandeiras de agitação política. Foi isto que todos nós fizemos e compreendemos que o desejo do camponês pela terra era o mais forte estímulo de luta que era possível encontrar em Cuba. Fidel entendeu muitas coisas mais; desenvolveu-se nele o extraordinário líder que hoje é, com a gigantesca capacidade de aglutinar o povo. Pois Fidel, acima de tudo, é o aglutinador por excelência, o guia indiscutido que acaba com todas as divergências e cuja desaprovação destrói. Muitas vezes usado, desafiado outras, por dinheiro ou por ambição, é sempre temido por seus adversários. Assim nasceu esta Revolução, assim foram sendo criadas as suas palavras de ordem e assim foi-se, aos poucos, teorizando sobre fatos para criar uma ideologia que vinha no encalço dos acontecimentos. Quando nós lançamos nossa Lei de Reforma Agrária* na Sierra Maestra, comprovamos que já tinham sido realizadas diversas partilhas de terras no local. Após entender na prática uma série de fatores, apresentamos nossa primeira tímida lei, que não ousava tocar no ponto mais importante: o extermínio do latifúndio.

Nós não fomos muito mal vistos pela imprensa continental por dois motivos: primeiro, porque Fidel é um extraordinário político, que nunca mostrou suas intenções além de certos limites e soube conquistar a admiração de jornalistas de grandes empresas que simpatizavam com ele e usaram o fácil caminho da crônica sensacionalista; o outro, simplesmente porque os norte-americanos, que são os grandes fabricantes de testes e tabelas para tudo, aplicaram esses testes e tabelaram Fidel. Segundo os códigos deles, onde estava escrito “vamos nacionalizar os serviços públicos”, devia ler-se: “evitaremos que isso aconteça se recebermos um razoável apoio”; onde estava escrito “vamos acabar com o latifúndio”,

* Folha de São Paulo, 25/07/80. Vide pág. 48

devia ler-se “utilizaremos o latifúndio como uma boa base para arrancar dinheiro para a nossa campanha política ou para o nosso próprio bolso”, e assim por diante. Nunca passou pela cabeça deles que aquilo que Fidel Castro e o nosso movimento disseram de maneira tão ingênua e drástica fosse exatamente o que pensávamos fazer; fomos para eles o grande logro deste meio século, dissemos a verdade aparentando distorcê-la. Eisenhower disse que traímos os nossos princípios, o que é parte da verdade dele; traímos a imagem que eles tinham feito de nós, como na história do pastor mentiroso, mas, contrariamente, não acreditaram em nós. Por isso estamos agora falando uma linguagem que é também nova, porque continuamos andando muito na frente daquilo que pode pensar e estruturar o nosso pensamento, estamos num movimento constante e a teoria anda muito lentamente, tão lentamente que, após escrever nos pouquíssimos momentos que me restam este manual que agora lhe envio, acho que ele quase não serve para Cuba. Para o nosso país, no entanto, pode ser útil, só que é preciso usá-lo com inteligência, sem pressa nem futilidades. Por isso eu tenho medo de tentar descrever a ideologia do movimento; quando eu a publicasse, todos iriam pensar que se trata de uma obra escrita há muitos anos.

Enquanto se torna aguda a situação no exterior e a tensão internacional aumenta, nossa Revolução, por necessidade de sobrevivência, deve tornar-se aguda e, cada vez que a Revolução se torna aguda, aumenta a tensão e a Revolução se torna mais uma vez aguda. Trata-se de um círculo vicioso que parece tender a ficar cada vez mais estreito até rasgar, no momento indicado acharemos uma maneira de sair da enrascada. Posso, no entanto, lhe dar a certeza de que este povo é forte, porque lutou e venceu e sabe o valor da vitória; conhece o sabor das balas e das bombas e também o sabor da opressão. Saberá lutar com exemplar inteireza. Ao mesmo tempo asseguro-lhe que, quando esse momento chegar, apesar de eu estar fazendo agora algumas tímidas tentativas a respeito, teremos teorizado muito pouco e deveremos resol-

ver os problemas com a agilidade que a vida guerrilheira nos deu. Eu sei que nesse dia, a sua arma de intelectual honesto atirá em direção ao inimigo, e que poderemos contar com o sr. lá, presente e lutando junto conosco. Esta carta foi um pouco longa e não está isenta dessa certa pose que às pessoas simples, como nós, impõe, porém, a tentativa de demonstrar diante de um pensador, que somos também aquilo que não somos: pensadores. Seja como for, estou à sua disposição.

Cordialmente,

Ernesto Che Guevara

Contraponto

Sebastião Nery

O rapaz

1952. Gaia Gomes era diretor artístico da Rádio América de São Paulo, David How trabalhava com ele. Uma tarde, entrou lá um rapaz de cabelos negros, olhos grandes, esbugalhados, bigode ralo e barbicha fina.

Argentino, trazia para Gaia uma carta de apresentação de Alberto Castillo, médico e cantor de tango em Buenos Aires. Não queria emprego. Também era médico, estava precisando de uma passagem para a Guatemala, onde pretendia ajudar o governo revolucionário de Jacobo Arbenz.

Gaia e David fizeram uma "vaquinha" na rádio e compraram a passagem. Nos dias que passou em São Paulo, o rapaz de bigode ralo conheceu o deputado Coutinho (creio que Júlio), paulista de Rio Preto, autor do segundo projeto de reforma agrária apresentado no Congresso (o primeiro foi o de Nestor Duarte).

Com a passagem e o projeto, o rapaz de barbicha fina embarcou para a Guatemala. Lá, acabou trabalhando no Instituto Nacional de Reforma Agrária e aplicando os ideais do deputado Coutinho. Em 1954, um golpe militar, montado nos Estados Unidos e dirigido pelo coronel Castillo Armas, derrubou o governo de Arbenz. O rapaz de cabelos negros fugiu para o México.

Em 1958, ele apareceu em Cuba, na Sierra Maestra, ao lado de Fidel Castro e Camillo Cienfuegos. Derrubado o ditador Batista, o rapaz de olhos grandes, esbugalhados, implantou a reforma agrária em Cuba, baseado no projeto do deputado Coutinho, paulista de Rio Preto.

O rapaz chamava-se Ernesto "Che" Guevara.

A JOSE TIQUET

Havana, 17 de Maio de 1960

Sr. José Tiquet
Publicaciones Continente, S.A.
Paseo de La Reforma 995
México, D.F.

Caro Amigo:

Peço-lhe muita desculpa pela minha demora em responder à sua carta. Não foi devida à negligência da minha parte mas à falta de tempo. Teria o maior prazer em pagar a sua viagem a Cuba mas não disponho de meios para o fazer. Tenho como único rendimento o ordenado de major do Exército Rebelde, o qual, de acordo com a política de austeridade do nosso Governo Revolucionário, consiste apenas na quantia necessária para manter um nível de vida decente.

A sua carta não me incomodou nada, pelo contrário, tive muito prazer em recebê-la.

Afetuosamente

Major Ernesto Che Guevara

A FERNANDO BARRAL

Havana, 15 de Fevereiro de 1961
“Ano da Educação”

Dr. Fernando Barral
Papp Y.18
Ujpest, Hungria

Caro Fernando:

Foi uma pena que não tivéssemos podido ver-nos nem mesmo por poucos minutos. Escrevo com a pressa e a brevidade que as minhas muitas atividades impõem. Espero que compreendas. Indo diretamente ao assunto, embora não tivesses falado nisso nesta última carta mas sim na anterior, presumo que queres vir trabalhar aqui. Desde já te posso dizer que há trabalho para ti e tua mulher, que o ordenado será suficiente mas não dará para luxos e que a experiência da Revolução Cubana é algo que considero do maior interesse para pessoas como tu, que um dia terão de voltar para trabalhar de novo na tua terra natal. Claro que podes trazer a tua mãe; todas as facilidades pessoais necessárias para o teu trabalho serão postas ao teu dispor. A Universidade está sendo reestruturada e há lugar para ti caso estejas interessado.

Como é natural, encontrarás aqui mais coisas ilógicas do que aí, pois uma Revolução altera e desorganiza tudo;

pouco a pouco cada um será colocado no lugar para o qual estiver melhor preparado. A única coisa importante é não dificultar o trabalho de ninguém.

Resumindo, “aqui está tu casa”* se quiseres vir informa-me da maneira que te parecer conveniente e explica-me quais as providências a tomar para trazeres a tua mulher.

Como seguimos caminhos tão diferentes durante muitos anos, devo dizer-te a título de informação pessoal que sou casado e tenho duas filhas. Tive notícias de velhos amigos através de Mamãe, que me visitou há alguns meses.

Um abraço fraterno do teu amigo

Major Ernesto Che Guevara

* “Aqui está a tua casa” frase de boas-vindas usada nos países de língua espanhola

A LOUISA STRONG

Havana, 19 de Novembro de 1962
“Ano do planejamento”

Ana Louisa Strong
9 Tai Chi Chang
Pequim, China

Cara Companheira:

Recebi a sua carta de 10 de Setembro.

Compreendo os seus problemas. Convidamo-la a vir a Cuba em primeiro lugar pelo prazer de a termos entre nós e também para que entre em contato com a nossa Revolução. Não é de modo algum obrigada a escrever acerca dela, embora eu pense que está sendo muito modesta em relação às suas aptidões. Quanto à sua viagem, o meu convite mantém-se em aberto, pode ficar o tempo que quiser e fazendo o que quiser (um livro de mil páginas ou nada, o que também tem o seu encanto).

Junto envio vários exemplares do seu livro sobre as comunas que teve muito êxito em Cuba.

Lamento dizer-lhe que o seu livro sobre o Laos se perdeu nos meandros da nossa máquina burocrática.

Aqui em Cuba estamos preparados para o combate. O povo está pronto a defender-se da agressão. Ninguém pensa

em ceder. Todos estão prontos a cumprir o seu dever. Se viéssemos a perecer (o que só aconteceria depois de termos vendido bem caro as nossas vidas) poderiam ler uma mensagem semelhante à de Termópilas*.

De qualquer modo não estamos ensaiando os últimos gestos; queremos a vida e a defenderemos.

Pátria ou morte. Venceremos!

Major Ernesto Che Guevara

*"Vai, estrangeiro, dizer a Lacedônia que aqui, em obediência à sua ordem, nós caímos". Palavras escritas pelo poeta grego Simônides, como epitáfio para as tropas de Esparta, que defenderam até o último homem a passagem de Termópilas contra os invasores.

A GUILHERME LORENTZEN

Havana, 4 de Maio de 1963
“Ano da Organização”

Companheiro Guilherme Lorentzen
Havana

Companheiro:

Recebi as suas cartas que lhe agradeço.

Nasci na Argentina, combati em Cuba e comecei as minhas atividades de revolucionário na Guatemala.

Esta síntese autobiográfica talvez sirva em parte para justificar a minha interferência nos seus assuntos.

Na Guatemala os guerrilheiros estão a lutar. Parte do povo pegou em armas. Só há uma possibilidade de retardar o avanço duma luta que apresenta todos os indícios de evoluir para uma Revolução como a Cubana ou a Argelina.

O imperialismo tem essa possibilidade, embora não tenha a certeza se se dará bem utilizando-a: “eleições livres” com Arévalo*.

É o que pensamos sobre o assunto. Ou acha que pode

*Arévalo, primeiro presidente da Guatemala legalmente eleito após a ditadura de Ubico, via a solução dos problemas da Guatemala em termos de Reformas Parlamentares.

haver uma opinião diferente?

Revolucionariamente
Pátria ou morte. Venceremos!

Major Ernesto Che Guevara

A PETER MARUCCI

Havana, 4 de Maio de 1963
“Ano da Organização”

Mr. Peter Marucci
Redator
The Daily Mercury
Guelph, Canadá

Companheiro:

Em primeiro lugar deixe-me confessar-lhe que em nosso país a burocracia é uma máquina poderosa e fortemente estabelecida; absorve papéis, incuba-os no seu seio imenso e faz com que eles cheguem eventualmente ao seu destino. É por isso que só hoje respondo à sua amável carta.

Cuba é um país socialista: tropical, rude, ingênuo e alegre. É socialista sem renunciar a uma única das suas características, desenvolvendo ao mesmo tempo a maturidade do seu povo. Vale a pena conhecê-lo. Esperamos que aqui venha quando quiser.

Atentamente
Pátria ou morte. Venceremos!

Major Ernesto Che Guevara

A ALEITA COTO MARTÍNEZ

Havana, 23 de Maio de 1963
“Ano da Organização”

Dra. Aleita Coto Martínez
Diretora-adjunta da Comissão Primária Regional Puerto
Regia - Guanabacoa
Ministério da Educação Cidade

Cara Companheira:

Muito obrigado pela sua carta.

Por vezes nós, os revolucionários, sentimo-nos sós; até os nossos filhos nos vêm como estranhos.

Vêm-nos menos do que ao soldado a quem chamam “tio”.

As redações que me enviou transportaram-me por um instante à redação que escrevemos quando da visita do presidente à nossa terra, quando eu estava na segunda ou terceira série. A diferença entre o que aquelas crianças diziam e o que dizem as crianças da Revolução de hoje dá-nos confiança no futuro.

Revolucionariamente Pátria ou morte. Venceremos!

Major Ernesto Che Guevara

AOS COMPANHEIROS DA
FÁBRICA DE MONTAGEM DE BICICLETAS

Aos companheiros da
FÁBRICA DE MONTAGEM DE BICICLETAS
Lorraine nº 62
Santiago de Cuba

Companheiros:

Há um erro na vossa maneira de abordar o problema. Os trabalhadores responsáveis pela produção dum determinado artigo não têm direito a ele. Os padeiros não têm direito a mais pão, nem os pedreiros a mais sacos de cimento: nem vocês a motocicletas.

No dia da minha visita notei que um dos veículos de três rodas (motociclo com “side-car”) estava sendo utilizado como uma espécie de mini-automóvel, fato que critiquei imediatamente. Um membro da Juventude Comunista saiu de moto para fazer trabalhos relacionados com a sua organização, o que critiquei por duas razões: o uso indevido do veículo e a atitude incorreta de utilizar o tempo pago pela sociedade em trabalho que, em princípio, representa uma contribuição suplementar e totalmente voluntária de tempo para a sociedade.

Durante a nossa conversa disse que me informaria sobre as condições de pagamento e a possibilidade de obter carros para determinados trabalhadores e técnicos. Como

todo o trabalho de distribuição e comercialização de carros foi transferido para o Ministério dos Transportes, parece não haver possibilidade de o conseguir.

Saudações Revolucionárias
Pátria ou morte. Venceremos!

Major Ernesto Che Guevara

A ARTURO DON VARONA

Havana, 28 de Outubro de 1963
“Ano da Organização”

Dr. Arturo Don Varona
Subdivisão de “Vista Hermosa”
Camagüey

Doutor:

Recebi o seu relatório, mas parece-me que o número de caballerías (medida agrária de Cuba, eqüivale a 33 acres) é demasiado elevado para permitir recorrer a qualquer artigo da lei.

De qualquer modo, não lhe oculto a minha preocupação por o Estado ter sido muitas vezes um administrador menos eficiente do que o produtor privado.

Pela sua direção, deduzo que não é dos produtores que vivem em contato com a agricultura, mas talvez a sua experiência administrativa lhe permita gerir a finca da maneira como mostram os números que apresenta. Peço-lhe que não considere isto uma piada de mau gosto, mas talvez a sua entrada para o INRA (Instituto Nacional de Reforma Agrária) beneficiasse essa instituição. Tudo depende da sua capacidade de aprender o significado e a justiça dos dias que vivemos e

assim avaliar com sentido crítico os muitos erros que uma verdadeira Revolução Popular comete.

Atentamente Pátria ou morte. Venceremos!

Major Ernesto Che Guevara

A PABLO DIAZ GONZALEZ

Havana, 28 de outubro de 1963
“Ano da Organização”

Companheiro Pablo Diaz González
Administrador, Campo de Sondagens
Cuenca Central Oil Field
Caixa Postal 9, Majagua Camagüey

Pablo:

Li o teu artigo e agradeço-te que nele tenhas falado tão bem de mim; a meu ver bem de mais, até.

Além disso parece-me que falas também bem de mais de ti próprio.

A primeira coisa que um revolucionário deve fazer ao escrever história é agarrar-se à verdade como uma mão e uma luva. Fizeste-o, mas era uma luva de boxe e isso não basta.

Queres um conselho? Volta a ler o artigo, corta tudo o que sabes não ser verdade e sê prudente em relação a tudo aquilo de que não estejas seguro.

Saudações Revolucionárias
Pátria ou morte. Venceremos!

Major Ernesto Che Guevara

A CARLOS RAFAEL RODRIGUEZ

Havana, 28 de Outubro de 1963
“Ano da Organização”

Companheiro Carlos Rafael Rodríguez
Presidente do Instituto Nacional da Reforma Agrária Ci-
dade

Companheiro:

Junto envio os papéis de Argélio Rosabal*, o adventista (do Sétimo Dia) de que lhe falei e cuja recompensa terrestre se transformou em castigo.

Como jovem comunista brilhante que é, saberá como contornar a lei ou como distrair a minha atenção.

(Quanto ao assunto dos gatos e dos cães foi tudo em correio separado).

Saudações Revolucionárias
Pátria ou morte. Venceremos!

Major Ernesto Che Guevara

*Ver o capítulo intitulado “A Deriva”, do livro Diário de Sierra Maestra.

A LYDIA ARES RODRÍGUEZ

Havana, 30 de Outubro de 1963
Ano da organização

Senhora Lydia Ares Rodrfiguez
Calle Cárdenas. 69
Havana

Companheira:

A sua carta foi enviada ao Ministério do Interior, uma vez que é o organismo responsável pela resolução desses problemas.

De qualquer modo, aprecio a sua atitude em relação ao trabalho e à Revolução; devo porém dizer-lhe que na minha opinião o seu filho deve cumprir a pena que lhe foi imposta, porque, independentemente de quaisquer circunstâncias atenuantes, cometeu um crime contra a propriedade socialista e esse é um dos crimes mais graves.

Tenho pena de o dizer e lamento a mágoa que isto lhe causará, mas não estaria cumprindo com o meu dever de revolucionário se usasse de menos franqueza.

Revolucionariamente Pátria ou morte. Venceremos!

Major Ernesto Che Guevara

A JOÃO ANGEL CARDI

Havana, 11 de Novembro de 1963
“Ano da Organização”

Companheiro João Angel Cardi
Calle 17, nº 54 Apt 22
Vedado, Havana

Companheiro:

Acuso a recepção da sua carta de 3 de outubro e dos vários capítulos de nove romances seus ainda não publicados.

Não ponho qualquer objeção a que se sirva de qualquer material que queira tirar do diário de Las Villas. No entanto, lembre-se de que quando esse Diário foi publicado apareceu escrito numa linguagem floreada por um anormal qualquer. Li um capítulo do “Pléyade” como alguém que estuda a fotografia dum lugar que lhe é familiar, sem no entanto o encontrar. O capítulo dá a impressão de que V. nunca esteve na Sierra, nem nunca falou com os participantes dessa época. Deixe-me dizer-lhe fraternalmente que não me parece que tenha apreendido a grandeza desse período em toda a sua sublimidade.

Repare que isto é uma opinião e não uma crítica literária; apenas como alguém que procura identificar qualquer coisa numa velha fotografia - uma recordação dum grupo de

amigos por exemplo - e verifica que um defeito técnico ou o próprio tempo tornaram irreconhecíveis as pessoas da fotografia.

Se esta observação lhe puder ser de alguma utilidade, fico satisfeito; caso contrário, não fique ofendido com a minha franqueza. Desconheço a sua idade e nada sei sobre a sua vocação de escritor; a única emoção que me guia nesse campo é a comunicação da verdade (não me tome por um defensor até a morte do realismo socialista); é deste ponto de vista que vejo todas as coisas.

Cumprimentos e as maiores felicidades para a sua odisseia literária.

Major Ernesto Che Guevara

A MARIA ROSARIO GUEVARA

Havana, 20 de fevereiro de 1964
“Ano da Economia”

Sra. Maria Rosário Guevara
36, rue d’Annam
(Maarif) Casablanca,
Marrocos

Companheira:

Realmente eu não sei com certeza de que região da Espanha é a minha família. Naturalmente faz muitos anos que meus antepassados saíram de lá, com uma mão na frente e outra atrás. E se eu não as conservo assim é pelo incômodo da posição.

Não acredito que sejamos parentes muito próximos, mas se você é capaz de tremer de indignação a cada vez que se comete uma injustiça no mundo, então somos camaradas, o que é mais importante.

Saudações revolucionárias.

Pátria ou morte. Venceremos!

Cmdte. Ernesto Che Guevara

A ROBERTO LAS CASAS

Havana, 21 de Fevereiro de 1964
“Ano da Economia”

Sr. Roberto Las Casas
Rua Três de Maio
1494 Belém - Pará
Brasil

Companheiro:

Aproveito esta oportunidade de contato entre a Revolução e V. para lhe expressar, a si e à sua mulher, a minha gratidão por todas as atenções recebidas.

Queria enviar-lhes uma pequena recordação de Cuba, mas a falta dum passado próprio e a extinção das tradições nativas obrigam-me a recorrer a esta expressão, por certo muito modesta, de arte moderna.

Espero que a sua mulher a apreciará mais pelo que tenta dizer do que propriamente pelo que diz.

Saudações Revolucionárias
Pátria ou morte. Venceremos!

Major Ernesto Che Guevara

A LUIS AMADO-BLANCO

Havana, 25 de Fevereiro de 1964
“Ano da Economia”

Sr. Luís Amado-Blanco
Embaixada de Cuba Junto da Santa Sé
Vaticano
Ruggero Fauro, nº 25
Roma

Companheiro:

Recebi a Revista de Ocidente*. O tom da sua carta deixa transparecer uma censura pelo meu silêncio, depois de ter recebido as suas cartas anteriores. Tem toda a razão. Na verdade a culpa é minha. Não encontro o seu livro em lado nenhum e cada vez que penso que tenho de enfrentar a sua crítica silenciosa procuro desesperadamente uma maneira de adiar esse momento.

Aprecio o seu interesse pelos vários problemas relativos à indústria. Uma comissão oficial está estudando atualmente o caso Bacardi, mas, como se trata duma comissão e ainda

*Revista literária publicada em Madrid.

por cima oficial, levará decerto o seu tempo, não chegando a quaisquer resultados concretos.

Saudações Revolucionárias

Pátria ou Morte. Venceremos!

Major Ernesto Che Guevara

A JOSE MEDERO MESTRE

Havana, 26 de fevereiro de 1964
“Ano da Economia”

Sr. José Medero Mestre
Juan Bruno Zayas, 560
Av. de Acosta y O’Farrill
Víbora, Havana

Companheiro:

Agradeço seu interesse e os comentários. Para convencer-me, tocou-me a ferida; citou os meus adversários. Lamentavelmente não posso desenvolver uma polêmica epistolar pelas minhas escassas disponibilidades de tempo.

Em números sucessivos de Nuestra Industria Económica irão aparecendo artigos que demonstram a preocupação de um seletto número de técnicos soviéticos no que diz respeito a problemas semelhantes.

Apenas uma observação para o sr. refletir: Contrapor a ineficiência capitalista à eficiência socialista no manejo das fábricas é confundir o desejo com a realidade. É na distribuição que o socialismo alcança vantagens incontestáveis, e foi no planejamento centralizado que ele conseguiu eliminar as desvantagens tecnológicas e organizacionais que o diferenciam do capitalismo. Após a ruptura com a socieda-

de anterior, pretendeu-se estabelecer a nova sociedade por meio de um híbrido. O homem lobo, a sociedade de lobos, foi substituído por outra espécie, que não padece da impulsão desesperada de roubar seu semelhante, posto que a exploração do homem pelo homem desapareceu, mas sofre impulsos da mesma qualidade (embora quantitativamente inferiores), sendo que a alavanca do interesse material é o árbitro do bem-estar individual e da pequena coletividade (fábricas, por exemplo), e é nesta relação que vejo a origem do mal. Vencer o capitalismo com seus próprios feitiços, aos quais se tirou a qualidade mágica mais eficaz, o lucro, parece-me uma empreitada difícil.

Se este raciocínio é obscuro (já é mais de meia-noite no meu relógio), talvez minha idéia fique mais clara deste modo: A alavanca do interesse material no socialismo é como loteria de cidade do interior; não chega a iluminar os olhos dos mais ambiciosos nem a mobilizar a indiferença da maioria.

Não pretendo haver esgotado o tema e, menos ainda, haver obtido a bênção papal quanto a esta e outras contradições. Desgraçadamente, aos olhos da maioria do nosso povo, e aos meus próprios, aparece com maior evidência a face apologética de um sistema, do que a análise científica dele. Isto não ajuda nosso trabalho de esclarecimento, e todo o nosso esforço concentra-se em convidar a pensar, a encarar o marxismo com a seriedade que a gigantesca doutrina merece.

Por isto, pelo que pensas, agradeço a sua carta; o fato de não estarmos de acordo não possui a menor importância.

Se algum dia tiver mais alguma coisa a me dizer, lembra que eu não sou um mestre, sou apenas um dentre tantos homens que hoje lutam para construir uma nova Cuba, mas que teve, porém, a sorte de conviver ao lado de Fidel nos momentos mais difíceis da Revolução Cubana e em alguns dos momentos mais trágicos e gloriosos da história do mundo que luta por sua liberdade. Por isso o sr. me conhece e eu não lembro seu nome; poderia ter sido o contrário, e neste caso seria eu quem teria que escrever de algum afastado re-

canto do mundo, onde meus ossos andarilhos me tivessem
levado, posto que não nasci aqui.

É o que tinha a dizer.

Revolucionariamente,

Pátria ou morte. Venceremos!

Cmdte. Ernesto Che Guevara

A EDUARDO B. ORDAZ DUCUNGÉ

26 de Maio de 1964
“Ano da Economia”

Dr. Eduardo B. Ordaz Ducungé
Diretor do Hospital Psiquiátrico Havana

Prezado Ordaz:

Recebi a revista. Embora tenha muito pouco tempo, os temas me pareceram interessantes e tentarei dar uma lida.

Tenho outra curiosidade: Como é possível que sejam impressos 6.300 exemplares de uma revista especializada, quando não existe essa quantidade de médicos em Cuba?

Assalta-me uma dúvida que leva meu ânimo à beira de uma psicose neuro-econômica: Estarão as ratazanas usando a revista para aprofundar seus conhecimentos psiquiátricos ou para encher o bucho; ou talvez cada doente tenha na cabeceira da cama um exemplar da publicação?

De qualquer forma, existem 3.000 exemplares a mais no número da tiragem; peço-te que penses nisso.

A sério, a revista está boa, mas a tiragem é intolerável. Acredita em mim, pois os loucos dizem sempre a verdade.

Revolucionariamente,
Pátria ou morte. Venceremos!

Cmdte. Ernesto Che Guevara

A HAYDÉE SANTAMARÍA

12 de junho de 1964
“Ano da Economia”

C. Haydée Santamaría*
Diretora da Casa de Las Américas
Calle G e 3
Vedado, Havana

Querida Haydée:

Dei instruções à União de Escritores para que colocassem esse dinheiro à disposição de vocês, como medida de transação, para não entrar numa luta de princípios que têm conseqüências mais amplas, por uma bobagem.

A única coisa importante é que não posso aceitar um tostão por um livro que se limita a contar episódios da guerra. Disponham do dinheiro como bem entenderem.

Saudações revolucionárias,
Pátria ou morte. Venceremos!

Cmdte. Ernesto Che Guevara

*Uma das mulheres que lutou em Moncada, a outra foi Melba Hernández. Feita prisioneira, foi torturada e lhe mostraram os olhos de seu irmão Abel, segundo chefe do ataque a Moncada, e os testículos de seu noivo Boris Santa Coloma. Foi combatente na Sierra Maestra e nas organizações urbanas, organizadora de expedições e dirigente do Partido da Revolução.

A REGINO G. BOTI

12 de Junho de 1964
“Ano da Economia”

Dr. Regino G. Boti
Ministro e Secretário Técnico
Junta de Planejamento Central Cidade

Assunto: Pedido para aumentar o número de exemplares da revista Confederación Médica Panamericana

Caro Ministro

Executaremos na íntegra as ordens da Junta. Baseado na minha limitada e pouco edificante experiência médica, devo dizer-lhe que a revista é uma porcaria e, na minha opinião, não cumpre as funções políticas que provavelmente V. pretende que desempenhe.

Mas que isso fique para a outra História - a de grande escala.

Atenciosamente
Pátria ou morte. Venceremos!

Major Ernesto Che Guevara

AO MINISTÉRIO DO COMÉRCIO EXTERIOR

25 de junho de 1964
“Ano da Economia”

Ministério do Comércio Exterior
Cidade

Companheiros:

Recebi os vossos discos. Embora não sejam perfeitos, antes pelo contrário - refiro-me à apresentação -, melhoraram grandemente.

Talvez esteja a interferir num assunto que não me diz respeito, na medida em que se encontram alguns homens de letras entre os que assinaram a carta, mas deixem-me sugerir que revejam os textos; na minha opinião são . . .*

Se alguns de vocês participaram na sua elaboração não se preocupem. Não sou a pessoa mais indicada para se pronunciar sobre o assunto. Quanto ao conteúdo não digo nada. Não me permito sequer uma opinião tímida sobre música porque nesse campo a minha ignorância é total.

Agradeço a atenção que tiveram em mostrar-me estas iniciativas.

*Segue-se uma frase depreciativa que não está clara no original.

Revolucionariamente
Pátria ou morte. Venceremos!

Major Ernesto Che Guevara

A LEÓN FELIPE

21 de agosto de 1964
“Ano da Economia”

Snr. León Felipe*
Editorial Grijalbo S. A.
Avenida Granjas, 82
México 16, D.F.

Mestre:

Faz já alguns anos, ao tomar o poder a Revolução, recebi seu último livro, com sua dedicatória.

Nunca agradeci, mas o livro me marcou. Talvez lhe interesse saber que um dos dois ou três livros que estão na minha cabeceira é *El Ciervo*; poucas vezes posso lê-lo, pois ainda em Cuba o fato de dormir, de deixar o tempo sem preencher com alguma coisa ou repousar, simplesmente, é um pecado de “lesa-dirigência”.

Poucos dias atrás assisti a um acontecimento de grande significado para mim. A sala estava lotada de operários entusiastas e havia um clima de homem novo no ambiente. Despontou uma gota do poeta fracassado que me habita e recorri ao sr., para polemizar á distância. É a minha homenagem;

* Um dos maiores poetas exilados da Espanha.

peço-lhe que assim a interprete.

Se o sr. sentir-se tentado pelo desafio, vale o convite.
Com sincera admiração e apreço.

Cmdte. Ernesto Che Guevara

A ELIAS ENTRALGO

31 de Agosto de 1964
“Ano da Economia”

Elias Entralgo, Presidente
Anexo da Universidade
Universidade de Havana
Cidade

Caro Companheiro:

Recebi o seu amável convite que - ainda que, estou certo, não seja essa a sua intenção - me veio provar as diferenças radicais de opinião que nos separam sobre a questão do que é um líder.

Não posso aceitar dar a conferência que me propõe; se o fizesse seria apenas por dedicar à Revolução todo o tempo de que disponho. Parece-me inconcebível oferecer uma remuneração a um membro do governo e dirigente do Partido por qualquer tipo de trabalho que possa fazer.

Entre as muitas recompensas que tenho recebido a mais importante é a de ser considerado membro do povo cubano, coisa que não saberia avaliar em pesos e centavos.

Peço desculpa pela maneira como lhe falo e peço-lhe também que veja nisto apenas a expressão da mágoa causa-

da pelo que considero ser uma afronta gratuita, que não foi dolorosa por ter sido involuntária.

Pátria ou morte. Venceremos!

Major Ernesto Che Guevara

A MANUEL MORENO FRAGINALS

6 de outubro de 1964
“Ano da Economia”

Comandante Manuel Moreno Friginals
Avenida 9, 6403 (altos)
Marianao

Prezado companheiro:

Acuso agora o recebimento do livro que teve a gentileza de enviar-me dedicado.

Faz pouco tempo terminei a leitura e gostaria de deixar constância de que não lembro haver lido nenhum livro latino-americano em que se conjugasse o rigoroso método marxista de análise, o escrúpulo histórico e a paixão, o que o torna apaixonante.

Se os outros volumes mantêm a mesma qualidade, não tenho dúvidas ao profetizar que O Engenho será um clássico cubano.

Revolucionariamente,
Pátria ou Morte. Venceremos

Cmdte. Ernesto Che Guevara

A CHARLES BETTELHEIM

24 de outubro de 1964
“Ano da Economia”

Comandante Charles Bettelheim
Diretor
École des Hautes Études
Sorbonne et 54
Rue de Varennes, Paris 79

Prezado Companheiro:

Recebi a sua carta e lhe envio pelo correio, em separado, as revistas que me solicitou.

Gostaria muito de discutir consigo “mais uma vez quanto às nossas divergências”.

Um pouco além do caos, talvez no primeiro ou segundo dia da criação, tenho um mundo de idéias que se chocam, se entrecruzam e, às vezes, se organizam. Gostaria de acrescentar essas idéias ao nosso mútuo material polêmico.

À espera da sua chegada, despede-se revolucionariamente,

Pátria ou Morte. Venceremos!

Cmdte. Ernesto Che Guevara

Celia de La Serna com seu filho



Che com seus filhos, Aleida e sua mãe





Che e sua mulher Aleida March

Os noivos, na festa do casamento



MÚSICAS A CHE GUEVARA

ZAMBA A CHE

Víctor Jara

Venho cantando esta zamba
com um rufo libertário
mataram o guerrilheiro
Che Comandante Guevara.

Selvas, pampas e montanhas.
Pátria ou Morte é seu destino.

Pois os direitos humanos
em todo lugar são violados
e na América Latina,
domingos, segundas, terças.

Eles impõem militares
para subjugar os povos,
ditadores assassinos,
gorilas e generais.

Exploram o camponês,
o mineiro, o operário.
Quanta dor o seu destino,
fome, miséria e mais dor.

Bolívar mostrou o caminho
e Guevara continuou:
libertar o nosso povo
do domínio explorador.

A Cuba ele deu a glória
de ser nação libertada.
Bolívia também pranteia
sua vida sacrificada.

São Ernesto da Figueira
dizem dele os camponeses.
Selvas, pátrias e montanhas,
Pátria ou Morte é o seu destino.

ATÉ SEMPRE

Carlos Puebla

Aprendemos a te amar
naquela histórica altura
em que o sol da tua bravura
levantou seu cerco à morte.

(Por aqui ficou a clara,
a entranhável transparência
de tua querida presença.
Comandante Che Guevara).

A tua mão gloriosa e forte
sobre a História dispara,
quando toda Santa Clara
acorda para te olhar.

(Por aqui ficou a clara,
a entranhável transparência,
de tua querida presença.
Comandante Che Guevara).

Chegas, a queimar a brisa,
com sons de primavera
para fincar a bandeira
com a luz do teu sorriso.

Teu amor revolucionário
Te conduz a nova empresa,
onde é esperada a firmeza
de teu braço libertário.

Seguiremos sempre em frente
como contigo seguimos
e com Fidel repetimos
até sempre, Comandante.

(Por aqui ficou a clara,
a entranhável transparência,
de tua querida presença.
Comandante Che Guevara).

NÃO ESTÁS MORTO, COMANDANTE

Los Guerrilleros

Sempre à frente. Comandante,
mostrando o peito às balas.
Pátria ou Morte e sempre em frente
seja por bem ou por mal.

E a glória, Comandante,
e a fama desprezada.
Teu nome é um estandarte.
Comandante Che Guevara.

Você vai e voltará
de pé, na frente, presente você estará,
quando na América inteira
teu nome seja a bandeira.

Não vá embora, Comandante.
A traição está esperando
para regar com teu sangue
a terra que amaste tanto.

E se morreres. Comandante,
à frente da guerrilha,
é melhor morrer na frente
do que viver de joelhos.

Você vai e voltará
de pé, na frente, presente você estará,
quando na América inteira
teu nome seja a bandeira.

FUZIL CONTRA FUZIL

Sílvio Rodríguez

O silêncio do monte vai
preparando um adeus,
a palavra a ser dita
in memoriam será.

A explosão. Se perdeu
o homem deste século ali
seu nome e sobrenome são
fuzil contra fuzil.

Quebrou-se
a casca do vento ao sul
e sobre a primeira cruz
desperta a verdade.

Todo o terceiro mundo vai
enterrar a sua dor
com limalha de chumbo há de fazer
seu buraco de honra.
Sua canção deixará
iembranças da vida e
seu nome e sobrenome são
fuzil contra fuzil.

Cantarão
seu luto de homem e animal
e em vez de lágrimas derramar
com chumbo chorarão.

Levantarão
o homem do túmulo ao sol
e o nome compartilharão
fuzil contra fuzil.

SE O POETA É VOCÊ

Pablo Milanés

Se o poeta é você,
como disse o poeta,
se que tombou estrelas em mil noites
de chuvas coloridas
é você
que poderia eu falar
meu Comandante.

Se quem assomou ao futuro seu perfil
e o estreou com gozos de fuzil
foi você
guerreiro para sempre
tempo eterno
que poderia eu cantar
meu Comandante.

Em vão procura meu violão a tua dor.
Todo o jardim já é belo,
não há temor
que poderia eu deixar
meu Comandante
a não ser trocar o meu violão pela tua morte
ou legar uma canção ao sol
ou morrer sem amor.

Que teria eu a falar
meu Comandante
se o poeta é você
como disse o poeta
se quem tombou estrelas em mil noites
de chuvas coloridas é voce
que tenho eu a falar
meu Comandante.

CANÇÃO DO GUERRILHEIRO HERÓICO

Helena Burque

Meu Comandante Guevara
não há em tua morte uma flor
mas estão as metralhetas,
talos de sangue e de dor.

Ouçam bem os assassinos:
não mataram mais um homem;
mataram os que duvidam
que já é hora de lutar.

Ouçam bem os generais
há uma bala de sol
para a obscura mentira
que eles têm no coração.

No altar dos grandes rios
pelo dialeto aimará
nos planaltos e nas selvas
o guerrilheiro falará.

E dirá as cem razões
de vencer ou de morrer
e cada nova guerrilha
de novo o fará viver

AI, CHE CAMINHO

Los Guerrilleros

Ai, Che caminho
pátria ou morte é meu destino.

Eu nasci
lá nos pampas longínquos
mas meu sonho querido
é a pátria americana.

Não tenho terra nem casa,
não tenho nome nem idade.
Sou como o vento que passa:
um vento de liberdade.

Ai, Che caminho
pátria ou morte é meu destino.

Amanhã quando eu morrer,
ouçam queridos irmãos,
quero uma América inteira
com o fuzil na mão.

Não quero estátuas nem honras,
não quero versos nem prantos,
lancem ao vento as flores
e pátria ou morte, meu canto.

Ai, Che caminho,
pátria ou morte é meu destino.

JÁ DISSEMOS CHEGA

Maurício Vigil

É gente demais que está passando mal,
nós dissemos chega e começamos a andar,
nem os próprios ianques podem nos parar
ou então na selva venham nos buscar
e uma bela surra irão receber.

Nós dissemos chega e começamos a andar.

Ernesto Guevara soube me ensinar
qual é o caminho que devo seguir
fazendo na América muitos Vietnãs
pois dessa maneira não vão escapar
e eles sozinhos irão se enterrar.

Nós dissemos chega e começamos a andar.

Se alguém não gostar do que eu canto aqui
aos americanos vamos ensinar
com as nossas mãos toda a verdade
que junto dos ricos tenham lugar
que junto dos pobres venham brigar.

Nós dissemos chega e começamos a andar.

A CUBA

Víctor Jara

Se para Cuba eu cantasse
se cantasse uma canção
teria que ser um son
um son revolucionário.

Pé com pé e mão com mão
coração a coração
coração a coração
pé com pé e mão com mão,
como se fala a um irmão
se me queres aqui estou
que mais posso oferecer-te
a não ser continuar teu exemplo
comandante, companheiro,
viva a tua revolução.

Se queres conhecer Marti e Fidel
a Cuba, a Cuba, a Cuba irei.
Se queres conhecer os caminhos de Che
a Cuba, a Cuba, a Cuba irei.
Se queres beber rum mas sem Coca-Cola
a Cuba, a Cuba, a Cuba irei.
Se queres trabalhar na cana-de-açúcar
a Cuba, a Cuba, a Cuba irei.
Num pequeno barco vai o vaivém
a Cuba, a Cuba, a Cuba irei.
Se queres conhecer Marti e Fidel
a Cuba, a Cuba, a Cuba irei.

Se para Cuba eu cantasse
se eu cantasse uma canção
teria que ser um son
um son revolucionário.

Pé com pé e mão com mão
coração e coração.

Como eu não toco o son
mas toco meu violão
que está mesmo na batalha
de nossa revolução
será como aquele son

que fez os gringos dançarem
mas nós não somos guajiros
nossa serra é a eleição.

CANÇÃO FÚNEBRE PARA CHE GUEVARA

Juan Capra

Já atiram nele a tempestade
a terra firme e a escuridão.

Quatro guerrilheiros descem para o sul
outros vinte ficam, para o norte vão.

Festa de abutres, a tempestade
massacra a carne a liberdade.

Quatro guerrilheiros descem para o sul,
outros vinte ficam, para o norte vão.

Fala a tremer o bravo militar,
espanta os abutres o amanhecer.

Quatro guerrilheiros descem para o sul,
outros vinte ficam, para o norte vão.

Ai, meu companheiro, me deixe chorar
pois o estão matando por tua liberdade.

Quatro guerrilheiros descem para o sul,
outros vinte ficam, para o norte vão.

Já estão atirando no seu coração,
sangue que brota à luz do sol.

CAMILO TORRES

Víctor Jara

Onde caiu Camilo
nasceu uma cruz
não é de madeira
porém de luz.

Foi morto quando procurava
seu fuzil
Camilo Torres morre
para viver.

Contam que após a bala
ouviu-se uma voz:
era Deus que gritava:
Revolução!
Revistem a batina
meu general
pois na guerrilha cabe
um sacnstão.

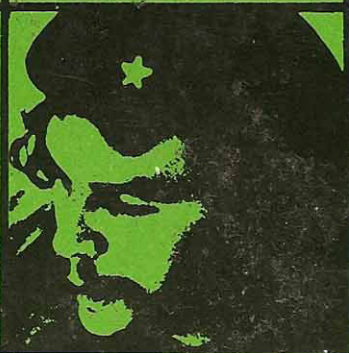
Foi pregado com balas
em uma cruz
foi chamado de bandido,
como Jesus.

E quando eles desceram
procurando seu fuzil
eles viram que o povo
possui cem mil
cem mil camilos prontos
para lutar.

Camilo Torres morre
para viver.

CHE
GUEVARA

CARTAS



Teorias políticas, econômicas; concepções sobre o homem, sobre a sociedade; táticas guerrilheiras, a Revolução, enfim, estão contidas nestas *Cartas*, que pela primeira vez estão sendo publicadas no Brasil. Che Guevara aborda todos estes temas com a maior objetividade possível, falando a seus filhos, pais, amigos, companheiros, trabalhadores e a pessoas do povo que lhe escreviam.

Estas *Cartas* permitem ao leitor percorrer os caminhos das idéias pelos quais passou esta inquieta personalidade, médico argentino que se achou mais útil ao seu povo latino-americano servindo à causa da Revolução Internacional que à da Medicina.

Na primeira carta estas idéias estão embrionárias, o amadurecimento delas é tão rápido que mal se pode percebê-lo. Passado o período da tomada do poder em Cuba, é que se pode notar seu processo de desenvolvimento, que se deu com a mais dura prática guerrilheira, arriscando a sua vida a cada instante.

Por tudo isto estas *Cartas* são obrigatórias para todos aqueles que pretendem entender o que há de mais rico nesta rara inteligência de aguçado senso humanístico, deste que foi o maior herói contemporâneo desta nossa tão explorada, sofrida e humilhada América Latina.

habitue-se a frequentar livrarias

ed